

CULTURA E FILOSOFIA: QUEM SOMOS NÓS?

Quando falamos em inovação em gestão, em inteligência competitiva, em quebra de paradigmas de gestão, estamos falando de quê? O que nos prende onde estamos? Como desatar nós que não enxergamos? Por que parece tão difícil mudar para onde sonhamos estar? Por que é tão difícil para as pessoas moverem-se na direção ideal? Por que precisamos tanto de líderes que nos auxiliem a articular uma visão? Não podemos fazê-lo nós mesmos? Por que se diz, dos líderes, que formulam uma visão? O que estão enxergando que outros não enxergam?

Somos livres para mudar, ou há algo que nos prende? Platão, em um dos seus textos mais famosos, a “Alegoria da Caverna”, fala sobre a ignorância humana e a busca da verdade em um diálogo imaginário, no qual participam o filósofo Sócrates e os irmãos de Platão, Glauco e Adimanto. Sócrates fala do mito da caverna como um retrato da ignorância humana. Sócrates pede a Glauco que imagine homens acorrentados desde o nascimento pelas pernas e pescoço dentro de uma caverna subterrânea com uma única entrada de luz. Toda a realidade que vêem são as sombras projetadas pela luz no fundo da caverna. Sendo as sombras a única coisa que enxergam, os homens acreditam que elas sejam a realidade das coisas.

Em uma interpretação livre de Platão, ao que podemos associar a caverna? A caverna pode ser o próprio corpo humano.

O nosso próprio corpo pode ser a caverna: os nossos olhos não vêem a realidade como ela é. Se tivessem uma precisão e um alcance maior, veríamos outras coisas e com outra definição. Se fossem como os telescópios, estaríamos vendo detalhes do universo; se fossem como microscópicos detalhes da matéria; se fossem em um ângulo de 180 graus sobre a nossa cabeça, como a dos insetos, veríamos outros ângulos ao mesmo tempo; se tivesse outro “jogo de lentes”, veríamos outras cores. O que ouvimos também é definido muito mais por nosso ouvido, como instrumento, do que pelos sons que existem no mundo. Se fôssemos como os cães, ouviríamos outras coisas e de outras frequências. Do mesmo modo nosso tato e paladar. O corpo permite que percebamos, então, certos aspectos da realidade, mas não a realidade em si. As bordas da nossa mesa não seriam retas se enxergássemos no nível das moléculas.

Somos seres presos a uma série de limitantes. Ao corpo, em primeiro lugar, à cultura e a linguagem depois, aos sistemas de *status* e poder, à lógica da sociabilidade, dentre outros. Se não conseguimos enxergar a realidade com os nossos sentidos, como podemos compreendê-la então? O que constitui a realidade que vivemos? A resposta é a cultura. A cultura é ao mesmo tempo a lente que usamos para ver o mundo e o conjunto de conteúdos que enxergamos nele.

Cultura

Mas o que é cultura afinal? O que compõe esse conceito ao mesmo tempo aparentemente óbvio e com uma profundidade intuída, mas oculta? Muitos trabalhos sobre o tema cultura apontam para o reconhecimento da dificuldade de abordá-lo como advindo da forma como “cultura” é conceituada. O termo cultura é apresentado como um imenso “guarda-chuva” sob o qual são abrigados fenômenos dos mais variados. Esse é um problema bem abordado por Geertz (1989) para a antropologia, mas ainda não trabalhado: pensar a relação entre cultura e gestão de forma adequada.

Historicamente, o termo cultura se referia, primordialmente, ao triângulo ciência-artes-letras. Hoje, o termo cultura tem outros conteúdos, incluindo a dimensão antropológica do mesmo. A dimensão antropológica é a dimensão mais abrangente, em que, através da interação social dos indivíduos, são elaborados seus modos próprios de pensar, de sentir e seus valores, e que é o espaço para a construção e manejo de suas identidades e diferenças.

O que é cultura nesse sentido antropológico? A cultura é um fenômeno extremamente complexo. Para pensarmos na relação desse fenômeno com desenvolvimento, é necessário reduzi-lo. Se pegarmos um objeto mais concreto, por exemplo: favela, a importância de reduzir e pensar sobre a utilidade, e não sobre a “verdade” de um conceito sobre o objeto fica clara: um arquiteto conceituando uma favela, provavelmente construirá um conceito do tipo “agrupamento de casas populares sem planejamento urbanístico”; um geólogo, do tipo “grupo de habitações construídas sobre terreno instável”, um sociólogo empregará a idéia de exclusão: “conjunto de habitações de grupo socioeconomicamente excluído”, um espírita talvez como “grupo de pessoas que veio ao mundo para pagar um karma”, etc. Há tantos conceitos quanto usos necessários para eles, e nenhum deles jamais será o conceito “certo” em termos absolutos. O conceito, como esse exemplo indica, delimita o recorte da realidade que produzimos para conhecê-la¹. É dentro desse recorte que determinado sujeito irá trabalhar. Esse recorte muitas vezes inclui, em si, um juízo de valor que orienta a ação. Portanto, o conceito arquitetônico de que falta planejamento urbanístico já indica o objetivo do arquiteto ao intervir na realidade. O mesmo sendo verdade para o geólogo (que quer estabilizar o solo), ou o sociólogo, que acredita na necessidade de inclusão social. Portanto, ao pensarmos em um conceito de cultura, antes de investigarmos o que “cultura realmente é”, precisamos perguntar-nos, primeiro, o que queremos fazer com o nosso estudo.

Por isto, quando falamos de cultura, o problema fundamental não é só reescrever o conceito, mas decidir sobre qual é, afinal, o nosso objeto de estudo e qual é a sua relevância para o entendimento do fenômeno que queremos estudar.

Segundo Eliot (1988), o termo cultura tem associações diferentes caso tenhamos em mente o desenvolvimento de um indivíduo, de um grupo ou classe, ou de toda uma sociedade. A cultura do indivíduo depende da cultura do grupo, e a do grupo, da sociedade. Por outro lado, a cultura da sociedade não determina a do grupo, nem esta a dos indivíduos, que processam as informações que recebem através da linguagem, dos rituais, da cultura material de forma própria e pessoal, e, embora mantenha as tendências gerais da sua sociedade nas formas de ver o mundo e atuar sobre ele, tem um espaço próprio de ação. Por ser um ser dotado de

consciência e razão, o ser humano é capaz de refletir sobre sua realidade e sobre si mesmo, e atuar sobre ambos.

Eu proponho aqui que partamos do conceito de cultura na antropologia, para compreendermos o papel da cultura na formação do pensamento humano, para depois ampliar esse conceito e pensar a relação entre cultura, educação e ação empresarial.

Se o nosso objetivo de estudo é compreender a lógica que informa os comportamentos humanos em sociedade, o nosso objeto de estudo é a gramática simbólica deste grupo. Geertz propõe a idéia de que uma cultura é, fundamentalmente, uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais a ação humana é produzida, percebida e interpretada – ou seja, o estudo da cultura é uma busca por estruturas de significação, determinando, ao mesmo tempo, sua base social e sua importância. Eu creio que esse seja um bom ponto de partida para desatar este nó: ou seja, cultura não é sinônimo de sentimentos, valores ou crenças compartilhados, mas antes formas compartilhadas de perceber a realidade através das quais esses valores e crenças individuais podem ser compreendidos. Mas o que vem a ser essas estruturas?

Segundo Geertz, o ser humano é um animal preso a teias de significado que ele mesmo teceu. Semiótica, ciência geral dos signos, é o campo do conhecimento que estuda essas teias e a comunicação humana, não só quanto a sua capacidade de transmitir mensagens, mas de construí-la através de meios simbólicos. Por exemplo: observamos uma mãe indiana apontando uma vaca para seu filho e dizendo. – Olha a vaca! Observamos uma mãe brasileira fazendo a mesma coisa. Olhamos no dicionário. Os termos, em português e hindi, são sinônimos, mas apenas quanto à realidade que denotam: o animal que muge e pasta. Os termos não se equivalem quanto ao que conotam ou quanto ao significado cultural de vaca nessas duas culturas (em uma, matéria-prima para bife, na outra, um animal sagrado). Vaca só tem esses significados nessas duas culturas porque o imaginário social dessas duas sociedades produziu esses significados, e ele é compreendido dessa forma porque está tecido em uma teia com outros significados de modo que esse conteúdo simbólico faça sentido. Esses significados compõem uma gramática, que é uma estrutura construída a partir da percepção do mundo (ou várias estruturas, muitas vezes sobrepostas, como propõe Eco (1997 e 2000). A analogia com a gramática aqui pode nos ser útil: assim como a gramática tem um código, um léxico e inúmeras normas e regras, ou seja, forma uma estrutura, mas não determina o que pode ser dito ou como a língua pode ser usada pelo falante, da mesma forma funciona a cultura: ela é composta por vários elementos que compõem uma estrutura complexa, mas não determina o comportamento humano. Compreendendo essas lógicas culturais, podemos compreender por que um indiano passando fome não come uma vaca, com alto grau de acerto, e por que o brasileiro o faz. Ao ter conhecimento da arbitrariedade da construção cultura, podemos, como brasileiros, optar por sermos vegetarianos. Ou não.

Cultura e comportamento

Podemos pensar a cultura, então, por analogia, como a noção de força, na Física. A força está presente, afeta a forma como os objetos se comportam, mas é invisível. É

necessário usar equipamentos, certos procedimentos e estratégias para enxergá-la e compreendê-la. A força atua dentro de um campo, que fornece o contexto dentro do qual ela opera.

Da mesma forma é a cultura. Ela existe sempre, não há ser humano sem cultura. Ela estrutura e organiza os comportamentos sociais, mas é necessário um certo esforço para enxergá-la e compreendê-la. A forma como ela atua está relacionada a um contexto, que é criado pelo fluxo da interação social. A cultura molda o contexto e o contexto, assim moldado, auxilia na manutenção e reprodução da cultura. Compreender esse mecanismo é importante para poder pensá-la criticamente.

De modo geral, a cultura funciona como uma lente que nos mostra o que ver e como ver a realidade. Como ela funciona como lente, não conseguimos enxergá-la. Para estudá-la, então, os antropólogos recorrem a comparações: quando compreendemos outra cultura, conseguimos conhecer outra forma possível de ser um ser humano. Para prosseguir com essas comparações, é importante traçar uma espécie de mapa, e para isso usa-se a semiótica. Aⁱⁱ semiótica estuda, fundamentalmente, a forma como se estrutura e se comunica o entendimento do mundo, dos objetos e das relações nas sociedades humanas. Ela parte da idéia de que a comunicação humana, assim como todo o entendimento humano do mundo, é intermediada por uma gramática simbólica, que organiza as percepções, o entendimento e a ação. O entendimento humano sobre o mundo se constrói através da linguagem e das experiências vividas dentro de uma dada sociedade. A linguagem estrutura a percepção do mundo real que temos, através da forma como ensina a cultura. E ela o faz através do processo de simbolização. Desse modo, o nosso entendimento do mundo se constrói conforme aprendemos a nomear as coisas e as experiências e a usar este aprendizado para pensar sobre elas. Este processo ocorre por intermédio de signos. Signo é a base material do símbolo ou da idéia abstrataⁱⁱⁱ. No exemplo de vaca, signo é a palavra vaca, ou o som de vaca, que é a base material através da qual os nossos sentidos captam o estímulo. Esta base material é arbitrária, ou seja, não há nada na natureza do animal que indique que deva ser chamada deste modo, e varia de cultura para cultura e de língua para língua. Sua função primordial é ser o veículo que torna possível a comunicação da idéia abstrata que transporta. A idéia transportada é o significado. Este significado, por sua vez, é fixado por um código cultural, uma gramática simbólica, e só faz o sentido que faz em relação aos outros elementos desta gramática. Portanto, vaca não é sagrada na Índia sem razão, mas porque isso faz sentido em uma cosmologia religiosa altamente complexa. O comportamento dos brasileiros e dos indianos em relação à vaca só faz sentido dentro da lógica das respectivas culturas, suas gramáticas simbólicas, e do contexto específico em que ocorrem.

A relação entre cultura e comportamento é densa e complexa. Se vaca para nós é comestível, criamos toda uma estrutura econômica para produzi-la. Se ao invés de vaca nossa cultura nos informar que comida é cachorro, como o faz para os coreanos, teremos outros tamanhos de propriedade e outras formas de criação. Se cachorro não é comida, não nos estruturamos para produzi-lo e, se o fizermos, não haverá demanda. A cultura antecede a racionalidade econômica e informa de que modo os indivíduos se organizarão para produzir. Fazemos enormes esforços econômicos por causa da cultura. O gado bovino não é originário das Américas. Foi trazido da Europa para o Novo Mundo, apesar de toda a abundância dos trópicos,

precisamente pela percepção cultural da sua importância na alimentação dos europeus.

Do mesmo modo, os significados culturais de pessoa, indivíduo, trabalho, poder, ordem social, dentre outros, também variam de cultura para cultura, estruturando diferentes lógicas de percepção do mundo e da ação sobre ele. É justamente através da análise dos significados **principais** (e não os únicos) desses termos que conseguimos explicar muitos dos comportamentos que queremos compreender para gerir melhor.

Mas antes de pensar sobre gestão, enxergamos o objeto que queremos gerir? Compreendemos suas interfaces? Enxergamos suas relações sistêmicas com os paradigmas organizacionais que nos prendem em posições das quais gostaríamos de sair?

Em termos da linguagem e da cultura, é fácil perceber como não conseguimos pensar vaca como animal sagrado e nem comunicar isso a outro ser humano usando a língua portuguesa. Se falo “vaca” em português, transmito, querendo ou não, o conjunto de significados possíveis na nossa língua, que é vaca como animal, vaca com alimento e vaca como xingamento. Nesse sentido, Umberto Eco afirma que mais do que falar a língua, somos “falados por ela”. Não conseguimos pensar sem os conceitos da língua nem nos comunicar fora dela.

Mas outras línguas produzem outros entendimentos do mundo, diferentes do nosso. Aprender outra língua, mais do que aprender a comunicar os mesmos conteúdos, é aprender a pensar por outros meios. A arte, a ciência e a filosofia ampliam esses domínios da linguagem, criam novas linguagens e expandem os limites do corpo. Picasso, com o Cubismo, permite-nos enxergar um objeto por todos os seus ângulos ao mesmo tempo. Algo que nossos olhos não nos permitem. A literatura nos coloca em contato com outras formas de pensar e sentir sobre o mundo, e nesse sentido facilita o nosso entendimento de outras realidades. A música nos leva a outras dimensões estéticas. A ciência nos permite pensar o átomo, a molécula, a macroeconomia, a saber o que significa o *quantum*, e unidades que meus sentidos não me permitem apreender e que a minha mente, por si, não consegue pensar. A ciência produz palavras, e, ao produzi-las, alarga o nosso universo de pensamento sobre o mundo. Eu não posso pensar o bilhão, mas aprendo a calculá-lo e a ter noção da sua ordem de grandeza. Algo que alguém com menos educação não consegue. Nesse sentido, educação, cultura, ciência e arte se misturam de modo inseparável. São formas de pensar o mundo, criar consciência do seu contexto, ver os limites do conhecimento existente e extrapolar os limites da caverna em que vivemos.

A arte, a filosofia e a cultura permitem a vivência e a construção da civilização. São formas de desvelamento do mundo para os seres humanos, de expansão das suas capacidades. A necessidade da arte é tal que a filosofia, em todo o seu esforço por explicá-la, cai com frequência em argumentos de ordem metafísica: a arte nos aproxima de Deus e permite-nos exercer a nossa capacidade mais divina: Criar.

São estratégias de alargamento da consciência humana, de empoderamento e de liberdade. Como o exemplo da caverna mostra, liberdade depende do

conhecimento, pois só por meio dele somos capazes de enxergar outras dimensões da nossa realidade.

Essas relações nem sempre estão claras. No livro *Perspectivas Sociológicas*, Peter Berger faz uma afirmação sobre a qual vale a pena repetir. A cultura assim como os sistemas sociológicos (de poder, status, papéis, etc.), em geral, têm mais poder sobre os indivíduos quanto menos eles os conhecem. Ao compreender a lógica de uma cultura, os sujeitos têm alargadas as suas possibilidades de escolha, porque passam a compreender de que forma a sua cultura molda a sua visão de mundo e pode buscar romper esses limites. Ele chega a dizer que na ignorância somos como marionetes, manipulados por forças que desconhecemos. Só quando somos capazes de enxergar essas cordas que nos movem, somos capazes de cortá-las. O entendimento da cultura, então, auxilia na formação do sujeito livre.

A arte, a filosofia e a ciência são meios fundamentais para a ampliação dessa capacidade humana de ver novas questões relacionadas ao mundo. O triângulo arte, filosofia e cultura formam a nossa cultura. Seres imersos na ignorância daquilo que os prende conseguem romper paradigmas e inovar? É possível falar em inteligência competitiva ou gestão estratégica de pessoas presas em círculos viciosos de pensamento? Quando pedimos para as pessoas inovarem, sabemos nós o que estamos pedindo? Quando sugerimos foco na missão, somos capazes de enxergar o que isso significa em termos de ação na empresa?

O filme *Matrix* foi desenvolvido com base na “Alegoria de Caverna” de Platão....

Imagine-se no lugar do Neo, personagem principal do filme. Há uma códiço na sua mente? Ela é programada? Você consegue intuir por onde passa essa programação?

i Esse recorte, em termos de filosofia da ciência, é chamado de recorte, ou corte, epistemológico. Para maiores detalhes sobre como compreender esse processo, ver JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

ii Texto parcialmente extraído do artigo: MIGUELES, C. Trabalho, poder e subjetividade na gestão empreendedora. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*. v. 2, n. 2, abr./jun. 2003.

iii ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo, Editora Perspectiva, Coleção Estudos, 1997 e PEIRCE, Charles. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2000.